

AS IGREJAS CEARENSES DO SÉCULO XIX NAS AQUARELAS DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE EXPLORAÇÃO: FONTES PARA FORMAÇÃO DE UMA CULTURA FIGURATIVA

Cláudio José Alves ¹

Palavras chaves: Ilustração Científica, José dos Reis Carvalho, Igrejas do Ceará

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo levantar algumas questões sobre a cultura material a partir de uma análise da demolição da Velha Catedral Sé que fora representada por José dos Reis Carvalho na aquarela *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital – Ceará, 1859* [Fig. 1] para a construção da Nova Catedral de Fortaleza [Fig. 2]. Desejamos percorrer os caminhos históricos desta cidade a partir das aquarelas de José dos Reis Carvalho resultantes de sua empreitada pelo norte quando lá esteve com a Comissão Científica de Exploração enviado ao Ceará em 1859 por D. Pedro II.²

Mas outras cidades cearenses que foram ilustradas por Reis Carvalho mantiveram suas construções do século XIX como cidades-museus a céu aberto e centros vivos de cultura visual. Uma delas foi a vila de Aquiraz que, por algum tempo, partilhou com Fortaleza ser uma das capitais administrativas do Ceará, nela ainda hoje encontramos a *Igreja Matriz de Aquiraz*.

A VELHA CATEDRAL DA CIDADE DE FORTALEZA

A Velha Catedral de Fortaleza [Fig. 1] foi construída sobre os alicerces do “velho templo dos índios” que foi demolido em 1825 quando lhe foram retiradas as madeiras e usadas na construção de um pontilhão e o restante para a Igreja do Rosário.² Entretanto, a Velha Catedral também sofreu o impacto de uma comunidade que hesitou entre restaurá-la e demolí-la. Após uma rachadura que, segundo os engenheiros da época, constituía grave risco para a segurança de seus frequentadores, e após um

¹ e-mail: claudioalves123@hotmail.com. Doutorando em História da Arte – Unicamp. Orientador: Prof. Dr. Luiz Marques.

² J. Brígido. “A Fortaleza em 1810”. *Revista do Instituto do Ceará*, 1912. p. 87.

longo debate entre clérigos e intelectuais decidiu-se pela demolição da mesma. Os objetos de seu interior foram transferidos para o prédio de uma rádio local, mas muitos foram vendidos, a imagem de *N. Sa. Da Conceição* ficou provisoriamente na Igreja do Rosário, ainda hoje também desaparecida em mãos de particulares.

A construção da matriz iniciou-se pela Capela mor. Sabe-se que foi levantada segundo a planta oferecida pelo engenheiro austríaco José Antonio Seifert, há muito radicado no Ceará.³ As duas portas laterais eram de madeira com duas polegadas de grossura. As paredes tinham um branco brunido e se via no interior um painel de Jesus, Maria, José pintado a óleo, em tábua de cedro. Para dar à construção da Matriz uma unidade de orientação, o presidente José de Alencar nomeou, em 7 de novembro de 1838 uma Comissão das Obras e adquiriu boa parte do material de alvenaria.⁴ Em 1848, o saldo parcial apresentado não era suficiente para o acabamento da obra, embora já fossem incluídos nas despesas a capela-mor, seis escadas de torres, corredores e consistórios. Em 1849 a obra era interrompida por falta de recursos.⁵

Terminadas a obras, no dia 2 de abril de 1854, às 7 horas foi procedida a benção do local e às 9 horas o povo em cortejo penetrou no templo. Era a inauguração na nova Matriz. O padre Misael Gomes escreveu na Revista do Instituto do Ceará a reportagem do acontecimento.⁶

A espera de recursos e doações até 31 de junho de 1854, faltavam as pinturas douradas, sanefas nas portas laterais e forro dos corredores; faltou outrossim a calçada em redor, concluída por volta de setembro de 1856. O relógio fora doativo de João da Costa e Silva, agricultor em Pacatuba, que fez presente de um conto de réis, para dito fim, à Irmandade de São José. Era espécie de coração da vila, *Big-Ben*.⁷ No altar-mor via-se o quadro com N. S. da Assunção levada pelos serafins ao céu pois a vila era denominada Fortaleza de N. Senhora da Assunção. A imagem do “Senhor dos Passos”, presente do negociante luso Martim Borges, era venerada numa das capelas interiores da Sé e saía em procissão todos os anos.⁸

3 F. Lima, “Da Matriz à Catedral de São José – IV / Os sinais arquitetônicos”. O Povo. Fortaleza, Ceará, Brasil, 22 de dezembro de 1978.

4 F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. O Povo. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978. Conforme este jornal de Francisco de Oliveira Borges comprou-se 185 barricas de cal de Lisboa e de Alfredo Hervey (inglês) 200 milheiros de tijolos de alvenaria com 11 polegadas de comprimento, 5 de largura e 2,5 de altura, a 7:000 reis por milheiro.

5 A. O. Vieira Jr. Entre o futuro e o passado – Aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850). Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005. Pg. 79-83. F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. Por tudo isso, além dos recursos da Loteria, a Lei do Orçamento de 1840 reservou 2000\$000 para a Matriz; em 1842 a mesma lei ofereceu recursos da ordem de 4.000\$000 e uma lei especial, em agosto, aumento o auxílio em mais 4.000\$000 réis que se pode bem avaliar quanto a Matriz representava, naquela época, para os fóros de civilidade dos cearenses como relata O Povo. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978.

6 Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. Revista do Instituto do Ceará. 1954, Tomo LXVIII. p. 181: “No Rosário, ao pároco Carlos Augusto Peixoto de Alencar, juntou-se o pe. Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, vigário forâneo, o presidente da província Vicente Pires da Mota; o vice-presidente e comandante superior da Guarda Nacional, [...] o juiz de direito da comarca [...] mais pessoas gradas [...] Ao espocar das girândolas, o cortejo guiou para a Matriz nova, [...] Encerrou-se o Santíssimo Sacramento no seu tabernáculo; as imagens, nos respectivos altares, e celebrou missa solene o Vigário [...] redigiu-lhe o termo final e oficial o pe. José Cândido da Guerra Passos, escrivão da vigária forânea”.

7 Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. Revista do Instituto do Ceará. 1954, Tomo LXVIII. pp 181.

8 Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. Revista do Instituto do Ceará. 1954, Tomo LXVIII. pp 182.

OS PREPARATIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA CATEDRAL

Em 12 de junho de 1870 o teto da Velha Catedral [Fig. 1] ameaçava desabar. Neste, e no ano subsequente, o Governo reservou verba orçamentária para as obras da Catedral e nova comissão para dirigir a obra foi composta em 1871.⁹

Os mais intelectualizados protestavam com base em razões históricas e estéticas. O relato da demolição da Antiga Sé e o descontentamento do povo e intelectuais foi aparente em João Nogueira para quem a remodelação seria para ruas, praças mas nunca para edifícios erguidos sobre o invariável, o imutável e o eterno; em Álvaro Gurgel de Alencar no seu próprio *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Ceará* em 1939;¹⁰ em Gustavo Barroso, o organizador do Museu Histórico Nacional, que também lamentou a demolição da antiga Matriz em artigo da imprensa carioca em 2 de julho de 1953, trinta e cinco anos depois: “velha Sé, hoje infelizmente desaparecida”;¹¹ e o próprio Pe. Misael Gomes que também lamentou a demolição e justificou-se pela presença de duas catedrais em cidades como Madri e Salamanca.¹² No entanto, reconhece a realidade que lhe está posta e vê na Nova Catedral um motivo de esperança permeado por valores de contemporaneidade.¹³

Quando o vigário da Sé iniciou no dia 22 de maio de 1933 a Campanha Pró-Catedral, a velha Sé ainda era o edifício mais lindo da cidade.¹⁴ No dia 7 de junho, a *Gazeta de Notícias* anunciava o anseio de Fortaleza pelo progresso, pelos arranha-céus e por uma Catedral a altura do programa da cidade, no princípio não era propósito demolir a Catedral, mas remodelá-la dando-lhe um melhor suporte e beleza.¹⁵

9 C.f. A. B. de Menezes, “Descrição de Fortaleza”: “fez-lhe sentir que a mais urgente necessidade da Diocese era a de amparar-se a Catedral, cujo teto ameaçava desabar se não fossem reconstruídas as paredes da nave, que se achavam desaprumadas”. Apud F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. O Povo. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978. Conforme este jornal a comissão era composta por Manoel Soares da Silva Bezerra, capitão José Francisco da Silva Albano e Antonio dos Santos Neves.

10 Álvaro Gurgel de Alencar no seu próprio *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Ceará*, 2ª. Edição, 1939, pg. 147 e 148: “A catedral do Arcebispado, que era um templo de construção sólida, de boa altura, e que em 1954 completaria cem anos de edificado, acaba de ser demolido, prometendo os que o derribaram construir em o mesmo local, uma igreja cuja planta já feita é para uma catedral de muita riqueza, e que, sem uns seis mil contos de réis não se verá levantada. Com a demolição nota-se bem a solidez dessa Igreja Tradicional. A maioria do povo cearense não aplaudiu a destruição [...]”. Apud Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1954, Tomo LXVIII . pp 183.

11 Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1954, Tomo LXVIII . pp 181

12 Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1954, Tomo LXVIII . Pp 183-184: “Haverá ternuras atadas ou moderadas, que não se mostram a todos, e a verdadeira causa de um ato muita vez escapa a olhos travessos ou penetrantes. [...] A cidade espanhola de Lérida possui duas catedrais. Nenhum mal por isso. Também apresentam caso idêntico de duas catedrais: Cadix, Madri, Placência, Salamanca, Saragosa e Vitória [...] Quanto dissemos é apenas a expansão do pesar que nos invade, quando vemos desaparecer um elemento tradicional de nossa terra. [...] E sempre que isso acontece não podemos impedir que nos escape – una furtiva lacrima. [...]”

13 Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1954, Tomo LXVIII . Pp 184: “Fortaleza, onde fraternizam opiniões em torno das grandes memórias, é digna de mirar o futuro e apreciá-lo. Bem defronte daqui, vai-se erguendo o novo templo, [...] Respeitável a antiguidade, precisa não se opor à avalanche moderna. Só se faz bem o que se faz com amor. Suavize, pois, a nova igreja as saudades da outra, comparáveis a flores rendidas sem se levarem do pé. Toda saudade é tristeza, com salpicos quicá de alguma alegria: delicioso pungir de acerbo espinho. A nova Catedral, linda como nossos mais puros amores, já nos sorri, como se tivera alma – senha grande, esperança grande, regaço dos espíritos, atalaia celeste. Devemos querer-lhe e muito, pelo nosso passado e pelo seu futuro!”

14 O povo. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

15 *Gazeta de Notícias*, 7 de junho de 1933: “Todo mundo sente que Fortaleza progride. A metrópole do sol desenvolveu-se. Rasgam-se novas ruas e avenidas. Constroem-se [...] e arranha-céus. Levantam-se vilas nos subúrbios. O calçamento vai transformar-se. Vai ser de concreto no centro da cidade. É de paralelepípedo nas outras zonas. Quer-se uma Catedral à altura do programa da cidade. Uma Catedral que nos honra. Uma Catedral como exige o fervoroso e intenso culto cristão da terra. [...] A Sé, a velha Sé vai ser REMODELADA”. Apud O povo. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

Mas logo a população mobilizou-se para as obras de demolição, os jornais *Gazeta de Notícias*¹⁶ e *O Nordeste*¹⁷ da Arquidiocese passaram a relatar festas e quermesses para angariar fundos. Pela imprensa viu-se o entusiasmo que começou quando se falou em demolição da Catedral quando surgiu uma série de argumentos afirmativos. O professor Luiz Sucupira dizia que a idéia vingou, pois a antiga Sé era muito pequena para a multidão que a freqüentava. Outros versavam que parte do edifício estava pendendo a partir da base, em face dos alicerces terem sido levantados no local onde antes o mar ainda penetrava. Numa das saliências, exatamente onde se reunia a Cruzada Eucarística, o perigo se havia tornado iminente dizia-se que naquele tempo ainda não havia o recurso de se injetar cimento para a sustentação das paredes. Mesmo assim, permeava a dúvida sobre a necessidade de demolir a igreja considerada histórica além do mais a Catedral formava um belo conjunto arquitetônico com o Palácio do Bispo. Presumia-se que a pura remodelação proposta no início fosse a solução ideal. Houve um instante em que se pensou na construção de uma nova Catedral, preservando-se, no entanto, o prédio antigo, onde antes fora a Matriz de São José. Mas não houve local algum que agradasse aos membros da Comissão, pois não existiam os meios de transporte rápidos e constantes. Daí, partiu-se para a alternativa que restava demolir o templo centenário e no seu lugar construir uma Catedral de “rara beleza”. Dom Manoel autorizou o trabalho que lhe fora proposto por uma comissão de engenheiros. Praticamente se repetia a história da Catedral. Ela havia sido reconstruída sobre os alicerces da antiga Matriz de São José e as obras de reconstrução duraram 32 anos, de 1821 a 2 de abril de 1854, data em que voltaram aos seus altares, conduzidas em procissão, as imagens que haviam sido transportadas naquele primeiro ano para a igreja do Rosário. No dia 11 de setembro de 1938, dia em que foi demolida, houve ainda missa com a celebração do Crisma. Em seguida, dom Manoel assumiu o lugar da celebração e começou a missa conclamava o progresso que foi registrado pelo jornal *O Povo*.¹⁸

Pessoas que presenciaram este fato, dizem que dom Manoel chorou ao anunciar a próxima demolição da Catedral. Depois da cerimônia, a procissão da Sé para a igreja do Rosário com o seguinte itinerário: Castro e Silva, Senador Pompeu, Liberato Barroso, Floriano Peixoto, Pedro Borges e Praça General Tibúrcio. Dom Raimundo de Castro narra que a reação dos homens de letras, incluindo alguns clérigos, foi tão grande que dom Manoel se acabrunhou.¹⁹ Somente no ano seguinte, 1939, seriam iniciadas

16 *Gazeta de Notícias* registrava, 13 de junho de 1933: “O movimento Pró-Catedral continua, cada vez, mais vivo e promissor [...] quermesses que se realizam, as doações de prendas caríssimas e de objetos oferecidos pela Livraria Seleta e Sapataria Veneza”. Apud *O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

17 *O Nordeste*, dia 16 de junho de 1933: “Pelo que pudemos colher preparam-se animadíssimos festejos. A Barraca Portuguesa promete deliciar os freqüentadores do Parochial com os tradicionais fados portugueses, que há dias vem sendo ensaiados primorosamente por distinto membros da Colônia Lusa. Sob um parreiral, as “camponesas” executarão danças regionais evocando os costumes do velho Portugal. Patrocinado pela Colônia Inglesa a Barraca Mariana, por certo, primará entre os congêneres, dada a graça com que grupos gentis de congreganistas trarão o taje camponês da terra de Albion. As mães cristãs apresentarão um pequeno trecho encantador da Floresta Negra da Alemanha. As cores nacionais da Alemanha darão realce ao grupo. Sob o Patrocínio da Colônia Síria “aportará” no [...] um “barco a vela” – Santa Rita – de onde sairão bandos de marinheiros e ciganas que viajarão no barco, especialmente convidadas para desenvolverem a sua arte de cartomante”. Apud *O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

18 *O Povo*, 11 de setembro de 1938: “A Catedral estava repleta do que Fortaleza possui de mais distinto na sua sociedade, sendo o ofício religioso, que teve lugar às 9 horas, abrilhantado pela Schola Cantorum do Seminário. Dom Manoel da Silva Gomes pronunciou comovente sermão que versou sobre a reconstrução da Sé e fez um apelo ao povo para dotar Fortaleza de um templo à altura do seu progresso. À tarde, realizou-se imponente concentração de fiéis na Praça da Sé, seguida da transferência da imagem de São José, Padroeiro da Paróquia, para a igreja do Rosário. Um número incalculável de pessoas se comprimia, às 16 horas, defronte do antigo templo. Nesse momento o Sr. Arcebispo fez um eloqüente discurso, entregando a igreja à Comissão construtora”. Apud *O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

19 *O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de

os trabalhos de construção e lançada a pedra fundamental. Nesse intervalo ocorreu a mudança dos pertences da Catedral para a antiga Casa Paroquial, exatamente onde hoje se instala a Rádio Assunção Cearense. Por curioso, assinala-se que ali funcionava o Cine Paroquial fundado a 6 de setembro de 1930. Foi no antigo Cine que ficaram os objetos da Catedral. Menos o harmônio, instrumento requintado que foi desmontado e transferido para o Palácio do Bispo (hoje Paço Municipal). No dia 1º de Maio de 1939, dom Manoel fez a seguinte comunicação “Já estando demolida a antiga Sé [...] vai ser começada a construção da nova mais digna da nossa fé cristã e do Ceará.”²⁰ Dom Antonio de Almeida Lustosa desenhou os vitrais da Nova Catedral para a empresa Conrado Sorgenith de São Paulo.²¹

À decisão de Dom Manoel seguiu-se uma salva ensurdecadora de críticas. No dia 1º de Maio de 1939 ele deu ciência de que a planta do novo templo estava pronta e fora realizada pelo francês George Le Mounier, juntamente com o calculista pernambucano engenheiro Areia Leão.²² Seguiram-se inúmeros apelos para que os cearenses se empenhassem unidos mesmo em meio à dificuldades com as sucessivas secas para a nova obra através de doações (incluindo a do *Quilo do Cimento*), quermesses e loterias. A pedra fundamental foi lançada em 19 de agosto de 1939 com a presença da *Schola Cantorum* do Seminário da Prainha e a Banda de Música do 23º. BC.²³

A aquarela *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital – Ceará* [Fig. 1] de Reis Carvalho constitui um documento iconográfico que nos permite buscar compreender a evolução das idéias em torno da conservação e restauração do patrimônio arquitetônico brasileiro, juntamente com o edifício da Igreja Matriz de Aquiraz são monumentos que tocam a emoção e trazem-nos uma memória viva dos acontecimentos experimentados por gerações anteriores. Faz-nos recordar os esforços de Mário de Andrade e seu projeto *Cartas de Trabalho* que buscava proteger a arte, as manifestações eruditas e populares ainda que sua preocupação inicial estivesse voltada aos monumentos barrocos mais frágeis devido ao processo de urbanização e comercialização indevida dos bens móveis pelos antiquários brasileiros.²⁴ Sua causa em preservar a memória nacional alia-se a de Rodrigo de Melo Franco. Consciente da necessidade de conservar o portal do antigo edifício do arquiteto Grandjean de Montigny onde de, até 1908, funcionou a Antiga Academia de Belas Artes e a E.N.B.A. transportou o para o Jardim Botânico o que hoje constitui uma ruína de inestimável valor histórico.²⁵ Sua planta também foi conservada como documento iconográfico no *Voyage Pittoresque* de J.B. Debret.

outubro de 1977.

20 O povo. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

21 O Povo. “Da Matriz à Catedral de São José – VI”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Sexta –feira, 22 de dezembro de 1978.

22 F. Lima. “Da Matriz à catedral de São José - VI”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil – Sexta-feira, 22 de dezembro de 1978.

23 F. Lima. “Da Matriz à catedral de São José - VI”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil – Sexta-feira, 22 de dezembro de 1978.

24 M.L.C. Fonseca. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997. p. 117.

25 A. Galvão. “Obras do Antigo Edifício da Academia Imperial de Belas Artes”. *Rev. IPHAN*, No. 15, 1961. Pp. 139-201.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da teoria da conservação, aceitar a opção da transição do estilo neoclássico para o gótico pela Igreja Cearense causa-nos, a princípio, uma certa estranheza. Viollet-le-Duc em *Entretiens sur l'architecture (1863-1872)* dizia:

“A todos aqueles que nos dizem ‘Tomem uma arte nova que seja de nosso tempo’, nós respondemos: ‘Façam que possamos esquecer tudo o que foi feito antes de nós. Teremos, então, uma arte nova e faremos o que jamais se viu; porque se para o homem é difícil aprender, é muito mais difícil esquecer’”²⁶

Por outro lado precisamos aceitar os elementos da realidade da era industrial, fica uma única certeza em relação às cidades do passado: seu papel acabou, sua beleza plástica permanece, a cidade grande requer materiais resistentes e um uso racional da forma onde a liberdade dos mestres antigos deve ser atingido com plena consciência,²⁷ um processo dialético entre passado e presente.

Que de valores levaram à opção pelo gótico pela Igreja cearense? Na visão de A. Riegl em *O Culto Moderno dos monumentos*, a Igreja prima pelos valores de novidade e antiguidade em seus estilos históricos. É estranha ao efêmero e ao passageiro, é apta à novidade, por isso encontrou no gótico uma satisfação para os sentidos e para o espírito daquela comunidade, algo que não ainda não existia na cultura visual da comunidade de fortaleza.²⁸ Ainda que o estilo gótico tenha prevalecido no Ceará sobre o barroco e o neoclássico e que o edifício de Grandjean fosse demolido no Rio de Janeiro, ainda sim, nós brasileiros contamos ainda com importante edifício de valor histórico neoclássico, a *Igreja de São Luís Gonzaga* em São Paulo Ceará do arquiteto Luiz Anhaia Melo, construída em 1932.

Por todas estas considerações, entendemos que a História da Arte é capaz de distinguir os valores da cultura material nas diferentes sociedades; segundo Marcos Tognon, valores “de uma projeção cultural em que cada geração se sentiu à vontade, ambicionou em suas ideologias, ideais estéticos, em seu imaginário. [...] A História da Arte é responsável pela preservação cultural da obra; a disciplina que preserva fisicamente os nossos bens é a Conservação”.²⁹

26 F. Choay, *A alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001. p. 186.

27 Ver Sitté, *Städtebau*, 1989 citado por F. Choay. op. cit. p 188.

28 A. Riegl. *O Culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Ed. UCG, 2006

29 M. Tognon. “Entre o presente o passado”. In: *Memória, Formação de Patrimônio e educadores meio ambiente*. FE/UNICAMP.



Fig. 01 - José dos Reis Carvalho, *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital – Ceará, 1859*. Aquarela /Pastel / Papel. Museu D. João VI.



Fig. 02 - Fotografia. Cláudio Alves.